

# Formação cultural do Norte do Rio de Janeiro: influência indígena e portuguesa

Angelina Barros Mota Arêas<sup>1\*</sup>  
Rafaela Pinheiro de Almeida<sup>2\*\*</sup>

## Resumo

O modo de vida de uma região é definido por diversas características que, quando combinadas, a diferenciam das demais. Aspectos como religião, língua, culinária, danças, etnia, prática produtiva, entre outros se apresentam como traços culturais relevantes, passíveis de investigação. Deste modo, partimos do resgate das primeiras etnias que povoaram o Norte Fluminense, e que desde o século XVI contribuíram na construção da dinâmica cultural da região. Enfatizamos, assim, a identificação, a descrição e a análise do processo de formação de regiões culturais a partir das transformações ocorridas no espaço e expressas na paisagem pelos índios e portugueses, mediante a inserção de novos códigos culturais. Ao reconhecermos os primeiros grupos sociais que compõem esses espaços, e conseqüentemente, as possíveis regiões culturais, será possível pensar em estratégias de desenvolvimento que considerem as peculiaridades de cada município.

**Palavras-chave:** Cultura. Etnia. Códigos culturais. Norte do Rio de Janeiro.

## Introdução

Na macrorregião Norte Fluminense a constituição da sociedade e sua representação cultural, com as devidas especificidades, perpassam pelo processo de povoamento da área em questão. Dessa forma, o objetivo essencial desse ensaio é analisar o processo de ocupação étnico-cultural ocorrido no espaço do Norte do Rio de Janeiro e sua influência na formação da cultura local.

Para tanto, esclarecer informações sobre os nativos e colonizadores é uma preliminar para o reconhecimento de aspectos que formarão as características regionais por meio da materialidade simbólica expressa na paisagem e no imaginário das pessoas.

A ocupação dessa região não se desvia em alguns aspectos da forma com que se estabeleceu esse processo na maioria do litoral brasileiro, exceto por suas características físicas, as quais propiciaram o desenvolvimento de atividades específicas e pelas particularidades da tribo goitacá. Assim, marcas e matrizes foram se adequando à realidade regional, formando a composição da paisagem e dando origem à cultura do Norte Fluminense.

As tradições e costumes da tribo goitacá possuem características próprias. Como aponta Lamego, 1945, os índios goitacazes raspavam a cabeça para terem mais agilidade na água, eram ótimos nadadores, caçadores e corredores. Fisicamente possuíam pele mais clara, eram mais altos e robustos que os outros índios. Possuíam o hábito de dançar em ocasiões festivas, usando o jenipapo para pintura do corpo. Alimentavam-se de frutas, raízes, mel e principalmente da caça e da pesca.

<sup>1\*</sup> Graduanda de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: angel\_areas@hotmail.com.

<sup>2\*\*</sup> Graduanda de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: fafialmeida@hotmail.com

Também eram supersticiosos com a água, não bebendo de rios e lagoas, mas sim de cacimbas<sup>3</sup>. O escambo, assim como em outras regiões do Brasil, era uma prática comum entre os colonizadores e a tribo indígena. Trata-se de uma troca sem valor, pois os índios recebiam quinquilharias, ou seja, coisas sem importância, e davam suas riquezas, como exemplo o pau-brasil. As lutas contra os portugueses ocorriam pela posse das terras e com isso, eles foram dizimados.

Com a chegada dos portugueses e iniciado o processo de colonização ocorreram transformações na dinâmica local, principalmente no que se refere a implantar, via imposição, o modo de vida europeu. Ao tomar as terras dos índios, introduziram a pecuária e posteriormente a agricultura, e deram início ao progresso econômico da região.

A difusão da religião católica, da língua portuguesa entre outros costumes europeus foram introduzidos por meio da catequização dos índios. Neste contexto, os princípios e tradições indígenas foram desrespeitados em virtude do projeto colonial português.

Segundo Jean de Léry, no século XVI os goitacás habitavam a faixa litorânea situada entre o rio Paraíba do Sul e Macaé (RJ). Por volta de 1630, os portugueses ocuparam suas terras e os sobreviventes foram aldeados pelos jesuítas. Na segunda metade do século XIX, alguns remanescentes viviam nas proximidades de Campos dos Goytacazes e Cabo Frio.

Destaca-se, nesse período, a atuação dos jesuítas na Fazenda Solar do Colégio, a qual não visava somente à evangelização dos povos indígenas que a habitavam, mas também conceder suporte financeiro às Campanhas da Ordem Jesuíta, sendo uma fazenda de produção. Como grande produtora de gado e alimentos (arroz, feijão, milho, farinha, açúcar e aguardente), podia ser considerada um suporte econômico para a manutenção das atividades de evangelização em toda a região.

O processo de ocupação do Norte Fluminense é analisado pelo contexto que configura a macrorregião para identificar os processos inerentes à formação de regiões culturais, buscando conhecer melhor a realidade sócio-espacial da região e reforçar a visibilidade de sua cultura.

Pode-se observar que seu povoamento fez com que a área reproduzisse as características dos grupos étnicos, adequando seus costumes às necessidades de cada época. Dessa maneira, a formação de possíveis regiões culturais se dá a partir de uma reorganização e ajustamento dos processos culturais por parte dos primeiros grupos étnicos que vieram a compor o Norte Fluminense.

Neste contexto, avaliar uma região é apreender a dialética do mundo, aceitando o constante conflito entre o antigo e o moderno, na organização e desorganização do espaço. Podendo considerar que a região é um foco de identificação ou aproximação simbólica do lugar por determinado grupo, onde o espaço dá a sua identidade. (BEZZI apud NETO, 2002).

Resgatar a relação homem-meio, ou seja, como os grupos humanos que vieram ocupar o norte do estado modificaram a paisagem de acordo com as suas técnicas e necessidades. Verificando, assim, as principais transformações espaciais ocorridas ao longo das fases de ocupação e povoamento do Rio de Janeiro.

Tais estudos permitirão entender a interface natureza-sociedade nessa macrorregião e, identificar as principais “marcas culturais” expressas nesse espaço pelas distintas etnias, que possibilitam formar regiões culturais, em virtude da contribuição das comunidades humanas que compuseram inicialmente tal espaço.

## A geografia cultural renovada e as perspectivas de análise do espaço: o método

No caminho investigativo deste ensaio foi necessário resgatar alguns pontos históricos relevantes para reconhecer e identificar especificidades culturais do Norte Fluminense na contemporaneidade, considerando os dois primeiros grupos étnicos, indígena e portugueses.

Motivados pela ausência de estudos voltados para a análise da cultura no espaço Norte Fluminense - uma vez que autores como Carvalho<sup>4</sup>; Serra<sup>5</sup>; Faria<sup>6</sup>, voltaram-se para análises econômicas desse espaço – buscou-se

<sup>3</sup> Buraco cavado até um lençol de água, poço. Minidicionário Ediouro da língua portuguesa / Sérgio Ximenes – 2º ed. Reform. – São Paulo: Ediouro, 2000.

<sup>4</sup> CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira (Orgs). **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

<sup>5</sup> PIQUET Roselia; SERRA, Rodrigo. **Petróleo e região no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

<sup>6</sup> FARIA, Teresa Peixoto. **Gênese da rede urbana no Norte e Noroeste Fluminenses**. In: CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira

nesta pesquisa, resgatar as abordagens da geografia cultural, a fim de melhor conhecer a realidade sócio-espacial e reforçar a visibilidade cultural da região.

À medida que entendemos que a cultura se estrutura espacialmente e se expressa geograficamente, utilizamos como base as perspectivas da geografia cultural, a qual se difunde e ganha plena identidade através da Escola de Berkeley, originada nos Estados Unidos no período de 1925 a 1975. Esta privilegiou cinco temas: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural, com ênfase na dimensão material da cultura e seu conceito visto como entidade supraorgânica, com suas próprias leis. (CORRÊA, 2008).

Neste contexto, a cultura é vista como algo exterior aos indivíduos, não havendo conflito, prevalece o consenso e a homogeneidade cultural, as mudanças ocorrem através de forças externas, não em função de contradições. Entretanto, mesmo sendo alvo de inúmeras críticas, a geografia cultural saueriana – outra expressão equivalente a geografia cultural desenvolvida pela Escola de Berkeley- desempenhou importante papel na história do pensamento geográfico deixando um rico legado. Sua presença se faz sentir na geografia cultural renovada.

A renovação da geografia cultural ocorre no final da década de 70 e durante a década seguinte através das críticas à Escola de Berkeley. Esta nova proposta é dotada de sentido político e enfatiza o significado e a interpretação das formas espaciais e dos movimentos.

Na ótica de Corrêa consoante com as ideias de Paul Claval, a geografia não deve limitar sua abordagem na relação causal particular entre o homem e a natureza. Entretanto, deve-se considerar a dimensão material e não material da cultura e a adaptação do homem ao meio físico, ou seja, a relação do homem com o meio.

Compreende-se a relevância da abordagem do pioneiro da geografia cultural Carl Sauer, da Escola de Berkeley, ao propor a análise das formas que a cultura de um grupo sócio-cultural cria na organização de seu meio, estabelecendo assim as regiões culturais.

O conceito de região cultural pode ser entendido como “áreas apropriadas, vivenciadas e por vezes disputadas. Apresentam diversos geossímbolos, fixos, que, por serem dotados de significados identitários, fortalecem a identidade dos grupos que as habitam”. Portanto, é oportuno trabalhar com este conceito em um país como o Brasil que possui acentuada diversidade cultural. (BONNEMAISON apud CORRÊA, 2008).

No processo de identificação, descrição e análise de uma região cultural, ressalta-se a utilização de quatro categorias, sendo as duas primeiras originadas na Escola de Berkeley.

a) foco inicial (hearth) – local cujos atributos foram difundidos para um dado espaço que passa a se caracterizar por uma homogeneidade cultural. Trata-se do berço histórico de uma região cultural, apresentando-se impregnado de simbolismo; b) núcleo (core) – centro de controle e área onde os traços culturais são mais intensos. Pode confundir-se com o foco inicial; c) domínio (domain) – área onde os traços culturais difundidos são dominantes, a despeito da presença de traços de outras culturas; d) franja (sphere) – periferia da região cultural, na qual os traços culturais difundidos não são dominantes, verificando-se a presença de traços culturais de outras regiões. (CORRÊA, 2008, p. 17)

Consideramos como foco inicial do norte do Rio de Janeiro as cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé. A função polarizadora desses berços históricos remonta a narrativa da tradição regional à medida que exerceram papel fundamental como difusores do povoamento por toda a área do Norte e Noroeste Fluminense, exercendo assim relevante influência cultural.

A partir desses focos iniciais, consideramos no processo de construção das regiões culturais as categorias de marca e matriz que funcionam como as heranças deixadas pelos grupos étnicos que fizeram parte da composição do Norte Fluminense e que ajudaram a definir as mudanças sócio-espaciais. Categorias que se confundem, na maioria das vezes, como pode ser interpretado por Corrêa:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e,

portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação. (CORRÊA, 2008, p. 84-85)

No processo de construção cultural do Norte Fluminense, a já mencionada Fazenda Solar do Colégio e atual Arquivo Público de Campos dos Goytacazes apresenta-se como principal matriz do século XVI, pois reflete a presença das primeiras etnias que povoaram a região. Este narra não apenas a história da região no período colonial, mas de todo o processo de povoamento, o qual contribuiu para a construção da dinâmica cultural contemporânea.

## Processo geo-histórico: dos índios aos colonizadores europeus

O povoamento da região Norte Fluminense ocorreu inicialmente a partir dos índios, povos nativos como os guarulhos, puris, coroados, sucurus e goitacás, que, ao ocuparem a região, fizeram dela o reflexo de suas características e necessidades. Deter-nos-emos nas especificidades da tribo goitacá, a qual continua viva em parte da cultura popular, que ainda hoje se constitui por meio de “fragmento de histórias, linguagens, jeitos e trejeitos” dos descendentes desta tribo indígena.

Para Harvé, 1998, cada navegante ou mesmo os historiadores descreviam os índios goitacás de forma diferente, porém todos concordavam com seu tipo físico e com o seu modo de vida, por possuírem peculiaridades sua compleição e aparência. Sua ótica é de índios que sobreviviam da caça e pesca, não faziam uso de vestimentas, além de serem velozes corredores. Eram também:

[...] mais altos e um pouco mais claros que os outros indígenas. Raspavam os cabelos na frente e os deixavam crescidos até a cintura. Viviam em estreito convívio com os pântanos e brejais e segundo frei Vicente do Salvador eram “gentios que viviam mais à maneira de homens marinhos que terrestres” (HERVÉ, p.17).

No processo de colonização, por não aceitar ser escravizado e “não se render perante a crueldade do branco”, foram dizimados por meio de lutas desiguais. Seu massacre ocorreu a partir do processo de colonização do norte do Rio de Janeiro o qual teve início em 26 de março de 1539, quando o fidalgo português Pero de Góes recebeu a Capitania de São Tomé que compreendia além do Norte Fluminense parte do Espírito Santo. (HERVÉ, 1988).

Esse foi o marco, que deu início o período que viria a modificar profundamente toda a dinâmica regional. Porém, a falta de recursos e as discórdias entre colonos e nativos, levaram ao abandono da capitania, que somente no ano de 1633 após sua divisão em sesmarias foi ocupada com o propósito de enfim tomarem posse definitivamente de suas terras e desenvolvê-las, como descreve Peixoto:

Os sesmeiros, vendo-se donos da imensa planície, sentiram-se despertados para a conservação daquela pastagem nativa e transformaram-na em campos de criação. Levantaram currais: o primeiro em Campo Limpo ao norte da Lagoa Feia, no dia oito de dezembro de 1663 [...] Os capitães arrendam quinhões a quem lhos solicita e assim, vai se tornando assombrosa a multiplicação do gado, estendendo-se o pastoreio pelo interior, constituindo fonte de riqueza e prosperidade.(PEIXOTO, 1969, p.41).

Dessa maneira, faz-se necessário mencionar que não apenas a pecuária foi introduzida na área nesse período, mas também o cultivo da cana-de-açúcar e a fabricação de aguardente. Durante o Segundo Império, o Norte Fluminense se destacou pela presença de grandes cafezais, engenhos de açúcar e magníficos solares. Porém, as lavouras de café foram dominadas em grande parte pela preeminência açucareira.

Desse modo, pode-se constatar que aos poucos a colonização portuguesa reconfigura a dinâmica econômica, social e cultural do Norte Fluminense, à medida que suas necessidades implicam transformações



expressas na paisagem mediante a inserção de uma nova etnia e suas práticas econômicas e culturais. Com a finalidade de obter lucros para a metrópole colonial, o povoamento da região se baseou na implantação não apenas da pecuária e agricultura, mas de uma maneira de interpretar a vida que marginalizou a dinâmica local implantada pelos nativos: religião, língua e tradições, como um todo, foram ressignificadas originando transformações perceptíveis culturalmente até hoje.

Em suma, o homem como agente reorganizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, imprimindo-lhe as características marcantes da sua cultura. Tem-se, então, uma configuração regional, em que um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais.

## Ecos do passado: reflexos culturais no espaço norte-fluminense contemporâneo

Como abordado anteriormente, a vinda dos colonizadores portugueses e toda a dinâmica por eles implantada, durante o processo de ocupação do Norte Fluminense, acarretou em profundas mudanças econômicas e sociais. Entretanto, iremos nos deter nas transformações culturais que ocorreram com a incorporação dos traços culturais europeus.

Na cidade de Campos dos Goytacazes, a influência indígena não parou apenas na nomenclatura de bairros e distritos, há também a presença de um tradicional clube de futebol o qual leva o nome da principal tribo indígena que povoou o Norte Fluminense no século XVI. O “Goyta”, como é popularmente conhecido, foi fundado em 20 de agosto de 1912. Também na culinária, houve influência, visto o costume regional de consumir pratos à base de peixe.

As marcas culturais europeias são mais arraigadas devido à dizimação indígena proveniente da dominação do território. Como matriz desse período, observa-se além do já mencionado Solar do Colégio, a mais antiga casa de engenho no município de Quissamã, que data o ano de 1786. Além desse engenho, matrizes como os solares de Mandiquera, de Machadinha e do Conde de Araruama se fazem presentes nesse local.

Entretanto, para além dos aspectos culturais aparentes, está a formação da identidade cultural fluminense, a qual se manifesta por meio de fatores simbólicos associados ao imaginário da população e à formação de uma cultura com características particulares.

Lamego, 1996, trata dessa identidade, considerando a comunidade indígena da mesorregião em sua obra, “A planície do Solar e da Senzala”, abordando sobre dois elementos étnicos, oriundos da nova configuração sócio-cultural.

O muxungo e o mocorongo se encontravam espacialmente divididos, entre a baixada litorânea e as montanhas do nordeste fluminense. O muxungo cuja melanina é rara era encontrado em Gargaú e em São João da Barra. Eram louros vencidos pela luta com o ambiente. Tratava-se do anglo-saxão pirata que, vencido pelos portugueses, fugiu para o sertão pouco se miscigenando com os indígenas. O Mocorongo, por outro lado, era o mestiço integral, misturado com o negro.

Lamego observa em ambos diferentes modos de vida. Assim, não se diferenciavam apenas pela melanina e pela distribuição geográfica, mas no jeito de ser. O primeiro que tinha o modo de trabalho “quase idêntico ao do índio: a pesca e a caça nas lagoas, a cultura da ‘mandiba’ e das abóboras, a indústria da farinha, a cerâmica e a cestaria primitivas, a criação e pequena escala” (p. 95). Já, o segundo: possui “o modus vivendi é mais variado, devido naturalmente à mutabilidade dos cenários onde habita”. (p. 94).

## Conclusão

A formação cultural de um dado espaço resulta em um processo repleto de complexidades. No caso do Brasil, país de povoamento europeu, o estudo desta temática é enriquecido pela contribuição de Mitchell abordada por Corrêa (2008), a qual trabalha com a possibilidade de três procedimentos específicos contidos na difusão espacial.

Dentre eles, o procedimento que se adapta à realidade estudada é o desvio, no qual os traços culturais originais podem ser alterados devido às condições presentes na nova área. Exatamente o que ocorre com os portugueses ao chegarem ao espaço fluminense. Eles se depararam com índios que já tinham seus modos de vida, sua cultura, dificultando assim, e em algumas ocasiões, impedindo que esse grupo étnico estabelecesse seus valores e símbolos num primeiro momento.

Todavia, é delicado falar deste procedimento no Norte Fluminense, pois a dinâmica dos portugueses neste espaço era simplesmente a dominação, em nenhum momento a intencionalidade foi interagir com os nativos. Uma vez que, a intenção era a de “civilizá-los”. Isso faz com que traços culturais originais não sejam alterados, mas também não sejam implantados de forma automática.

Pode-se observar que a ação humana que ocupou e organizou o espaço fluminense até o século passado fez deste território uma área com forte influência de movimentos migratórios desde o século XVI. Muito embora esse artigo não abranja a presença da etnia negra na região, apenas para contextualizar o que se tem abordado até esse momento, basta considerar a relação entre as etnias branca e negra, que novos resultados serão encontrados. O branco pode até ter imposto, por exemplo, sua religião para o negro, este aparentemente a aceita, transformando-a, de modo nada ingênuo, num sincretismo religioso, no qual santos católicos representam entidades da Umbanda, Candomblé, Quimbanda, entre outras. Sendo assim, deve-se ter cautela ao designar que o Rio de Janeiro é um estado único, pois é apenas força de expressão, uma vez que, culturalmente, ele é bastante diversificado. O fluminense, como forma de expressividade cultural em termos regionais não é único, uma vez que, há que se considerar as variações regionais que o compõem e contribuíram para sua constituição.

Pode-se afirmar, então, a partir das bases socioculturais que configuraram o espaço fluminense, que a identidade dos indivíduos desse território apresenta particularidades intrínsecas ao contexto regional. Há “vários” fluminenses, diferenciados na forma e no que se refere às peculiaridades, mas que também mantêm traços comuns, relativos a hábitos e costumes.

Para tanto, resgata-se a relação homem-meio, ou seja, como os grupos étnicos que povoaram inicialmente o Estado modificaram a paisagem de acordo com as suas técnicas e necessidades, identificando as principais transformações espaciais ocorridas ao longo das fases de ocupação e povoamento do norte do Rio de Janeiro.

Tais estudos permitirão entender a interface natureza-sociedade nessa microrregião e identificar as principais “marcas culturais” expressas nesse espaço pelas distintas etnias, que possibilitam formar e delimitar as regiões culturais, em virtude dos primeiros grupos étnicos a ocuparem o estado.

Faz-se necessário, então, algumas considerações. Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento e constitui um pré-requisito para analisar o atual Norte Fluminense sob uma perspectiva cultural. Uma vez que importantes autores têm se dedicado exclusivamente para as atividades econômicas da região.

Desse modo, entender a dinâmica de ocupação desse recorte espacial desde a era pré-colonial foi relevante para identificar marcas e matrizes deixadas até o presente século pela comunidade indígena. Apesar da História registrar a dizimação dos índios, não é possível negar sua influência ainda na contemporaneidade. Todavia, a paisagem que se tem agora é marcada pela presença maior de códigos culturais portugueses, o que não invalida os indígenas.

Buscou-se aqui uma ótica não estereotipada, não homogeneizada, por entender que a cultura tem a sua gênese nas diferenças, não levando em consideração quais aspectos mais sobressaem, contudo, os que sobressaem. Daí a relevância dessa vertente para a Geografia, a partir dos detalhes que passam a ser objetos de investigação do geógrafo cultural, é possível visualizar e até mesmo entender a dialética de um determinado espaço.

Nesse estudo de caso, a existência de um time de futebol com o nome de uma tribo indígena (Goyta), o próprio nome de uma cidade (Campos dos Goytacazes), de acordo com a lente teórica que se utilize, permite fazer uma série de considerações, de questionamentos sobre um determinado espaço.

Por exemplo, por que “goyta”? Quem foi essa comunidade humana? O que ela representou para este lugar? Porque com certeza, se não representasse nada, não se teriam tantas referências. E, então, a partir dessas reflexões juntamente com todo um arcabouço teórico, um dado espaço pode ser entendido, explicado, decodificando assim, a rede de significados que o constitui.

## Referências

BRUM NETO, Helena; BEZZI Meri Lourdes. *Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. Uberlândia: Sociedade & Natureza, 2008.

FARIA, Teresa Peixoto. Gênese da rede urbana no Norte e Noroeste Fluminense. In: CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira (Orgs). *Formação histórica e econômica do Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 69-97.

LAMEGO, Alberto. *A planície do solar e da senzala*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

RODRIGUES, Hervé. *Campos na taba dos goytacazes*. Niterói: Série municípios, 1988.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Espaço e Cultura: Pluralidade Temática*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1995.

XIMENES, Sérgio. *Minidicionário ediouro da língua portuguesa*. 2º ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira (Orgs). *Formação histórica e econômica do Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006